

**Ecol**  
DE LISBOA

Por ARTUR PORTELA

**A Semana da Tuberculose**

DE todas as semanas realizadas para despertar a atenção pública a favor de determinada causa é esta, sem dúvida, a mais simpática, a mais triste, e a mais necessária.

Se não recessasse fazer um trocadilho demasiadamente vulgar, diria que, esta semana devia durar um mês, senão um ano, ou não acabar nunca. A luta contra a tuberculose, o inimigo mais terrível da raça, sala, graças à propaganda inteligente, e fulminante, do sr. de Lopo de Carvalho, do ambiente das con-



ferências, sempre restrito, dos livros da especialidade, que poucos lêem e dos cursos para entendidos, pouco frequentados—para a rua, para os bairros pobres, para as aldeias afastadas, em fórmulas luminosas, práticas, concretas, fáceis de compreender e assimilar.

Essa luta quanto tempo demorará? Nenhum de nós o poderá prever. Anos, muitos anos, sem dúvida, exactamente como uma guerra, contra um inimigo poderoso, que em seu favor tem todas as armas,—e um vastíssimo raio de acção. Os médicos que se dedicam a essa causa, têm cumprido, sendo excedido generosamente as suas possibilidades. Saíram já do campo clínico, para o campo social—que outra coisa não sei chamar a essa grandiosa cruzada, de colocar, em cada cidade, e mais tarde, em todos os centros de população densa, um sanatório, ou um dispensário para tuberculosos. Já é muito—e tudo quanto até agora se tem feito em Portugal, desde que uma rainha, num gesto de simpatia fácil, e porventura, sincero, ergueu em Lisboa, uma dessas instituições.

No entanto, não é tudo! O problema da tuberculose, tal como se agita tem um carácter mais preventivo do que curativo—e é o que agora, no espírito de todos e todos nós devemos proclamá-lo. Há, antes de mais nada, que higienizar os bairros pobres, demolir os velhos cascos, onde se albergam, pioreira de que animais, centenas de pessoas, alimentar bem as crianças, vigiar o trabalho, para que não se torne uma exploração, proteger a grávida,—plantar jardins, criar casas de repouso para operários, co-

(Continuação na pág. 10)

# O NOTÍCIAS ILUSTRADO

EDIÇÃO SEMANAL DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS.

## COMENTÁRIOS...

**ARTIGO DE FUNDO.**

**DO.**—O meu calendário de parede tem os números dos dias impressos a vermelho! Em vão lhe arranco, todas as noites, as folhas inúteis na esperança de encontrar um número branco!

Na semana passada, por exemplo, mataram Doumer, ofereceram a Lindbergh o esquife de seu filho, assassinaram o primeiro ministro do Japão, etc, etc, etc. Isto é: todos os dias, os homens inoluntários, aos deuses da violência, cadáveres inúteis de chapéu de cico e de lã!

Ah! como seria bom viver naquele planeta pequenino (só o têm? Aquela que está no céu, à esquerda dos três Marias!), longe das guerras, dos heróis, das trabalhadoras, das bombas, do óleo de rícino e de todos os homens que só amam a vida quando possui um sabor necessário!

**DESORDEM.**—Um espanhol encontra o ex-rei de Espanha e diz-lhe um síco. A polícia prende o agressor.

Que pena, esta notícia não ter a seguinte continuação: «O ex-rei perante aquele ataque imprevisto, tirou o casaco e, em mangas de camisa, respondeu-lhe, na mesma moeda, com dois murros reais!»

Calaram no chão. Sacaram-se violentamente! Insultaram-se. Disseram: «sangre de Dillo». Rolaram pelo chão, enquanto à roda, um grupo interessado no desenvolver do pagilato,—que só terminou quando a polícia interveio para separar os dois adversários,—os incitara à luta com berros e exclamações!

O ex-rei ficou ferido no face direito e a de agora ostenta orgulhosamente uma grã-cruz de adesivo.

O outro espanhol ficou com o olho voltado do arcaço.

Max, não. O ex-rei de Espanha não quis

aproveitar esta oportunidade única de nos provar que já se tinha resignado a ser homem oprimido! Continua a ser: «x-ri».

**EXPOSIÇÕES.**

Eu julgava — pobre de mim! — que o Alentejo era apenas uma planície sem imaginação, estenuada e árida, cheia de sédes, charcos e cegonhas alvaissas. Como a maioria dos portugueses, quando me lembrei da Alentejo, sentia os lábios sécos, a alma imensamente triste e plana até ao fim da alma, e um desejo enorme de me atirar para um poço a beber uma água qualquer.

Dordio Gomes, com os seus quadros admirá-



veis, veio desmanchar essa falsa visão dum Alentejo sem céu nem pilares, sem contrastes nem flôres verdes. E trouxe para a sala das Belas Artes, a outra verdade: o Alentejo esburacado, negro-verde, delirado, húmido, com cores violentas, bácoros lírios e pastores de sa-marra.

Afinal de contas, o Alentejo não é só um eterno verão com resíduo e terra quente. Na primavera, aparece cheio de flores de lex-a-lex. No inverno, pinga verde. No outono, desfaz-se em ouro.

Vê-se a pena ver essa provincia através dos olhos sérios, honestos e

audaciosos de Dordio Gomes que enche as paredes das Belas Artes com metros e metros de tela sincera, pintada virilmente, sem habilitades e sem truques. Nem um centímetro sequer daquele Alentejo a óleo, tem o saber convencional das tintas do costume. Não. Foi assim mesmo que entrou directamente na alma de Dordio.

Choveu a mata, a animais libertos, a cavalos a correr entre troncos vermelhos! Fuz dilatar as narinas! Impressão. Canove.

Quando sul das Belas Artes, Dordio Gomes perguntou-me a minha opinião? Para quê? Calei-me.

Senti a timidez de lhe dizer que o considerava o maior pintor actual.

**LIVROS.**—Recebi o último livro de António Botto, «Cartas que me foram devolvidas». É um volume composto de alguns poemas em prosa, escritos com a mesma naturalidade de quem respira,—seguidos de dois estudos sobre a personalidade hebraica do autor.

Li-o com o interesse de sempre e quando o fui guardar na estante já não sabia se tinha lido versos ou prosa! O saber era o mesmo. O mesmo mistério, a mesma ansiedade...

António Botto é dos poucos poetas portugueses que vivem sempre em ambiente de poesia. Sente em verso, vive em verso, pensa em verso.

É até quando escrevi cartas, para as receber devolvidas na volta do correio, não resisti à tentação de traduzir em prosa os versos que existem dentro de si.

João GOMES FERREIRA

**Ecol**  
DO MUNDO

Por JOSÉ SARMENTO

**Duêlas**

O desafio lançado por Melo Barreto, diplomata e jornalista dos mais brilhantes, contra o plumitivo Salavarría, que julgou insultar-nos com a gemada da sua prosa insulsa, faz-me recordar várias anedotas que pertencem ao domínio da história política dos últimos cinquenta anos.

Conhecem a da Floquet, antigo presidente do conselho de ministros da França? Pois é muito pitoresca e encerra um grande fundo de filosofia come-linha. O primeiro ministro soube que um dos seus prefeitos se batera em duelo com um conselheiro municipal do seu departamento. Pouco importava a Floquet que ele se fosse um esolente funcionario. Precisava de dar um exemplo retumbante. Era, para ele, uma questão de princípios. Declarou pomposamente, com certa enfiase sonora que «todo aquele que exerce uma função pública, por pequena que seja, dentro do organismo do Estado, não deve, como qualquer desconhecido, aventurar-se em combates singulares».

De resto, o ministro dava ao duelo foros de delicto e por isso os representantes do governo deviam ser os primeiros a observar estritamente o respeito pela lei. Estava, pois, o infeliz prefeito irremediavelmente condenado, devendo ser demittido no dia seguinte, quando nessa mesma tarde, em consequência de um grave incidente na Câmara, Floquet enviava as suas testemunhas ao general Boulanger.

Bateam-se ao sabre. O presidente do conselho feriu o seu adversá-



rio. E o primeiro telegrama de felicitações que recebeu foi o do malicioso prefeito a quem esta estocada providencial salvara milagrosamente.

Mas já que estou, como costuma dizer-se, com a mão na massa, deixem-me contar-lhes ainda esta outra, também sucedida em França.

Produziu-se no Senado, certo dia em que a venerável assembléa discutia uma proposta da lei sobre o duelo. As penalidades eram draconianas: todo o contendor tinha de responder em polícia correccional em vez de tribunal de júri e devia ser condenado a pesada multa e prisão até dois anos.

A comissão do Senado tinha sido.

(Continuação na pág. 10)